



# **Importância da sistematização dos conceitos educomunicação, TIC'S e mídias na organização curricular escolar**

---

Janaina Peixoto de Freitas  
José Carlos Ferrari Júnior

## 1. INTRODUÇÃO

negavelmente, que os sistemas e processos comunicacionais, em suas diferentes formas, conceitos, manifestações, passa a desempenhar papel de centralidade, ou melhor, de lócus estratégico em diversas áreas da sociedade inclusive, e fundamentalmente, na educação.

Em diferentes países, a temática da Mídia na Educação já foi incorporada seja como Disciplina Curricular ou como conteúdo consistente. No Brasil, porém, mesmo previsto pelos Novos Parâmetros Curriculares, como temas transversais, a inclusão da temática no currículo ainda se dá de maneira inconsistente e insatisfatória.

Então qual a dificuldade de inserção desta temática sistematizada junto às diferentes áreas do conhecimento no Projeto Político Pedagógico, no Currículo e no Plano de Ação Docente das Escolas?

Vasconcellos (2009) nos mostra que o tipo de currículo que temos nas escolas atualmente diz muito sobre os valores, a qualidade e prioridades que acreditamos e desejamos para docentes e discentes. Geralmente, infelizmente, a realidade de nossas escolas é como foi descrita acima: uma escola alienante, pautada a sua organização espacial na disciplina e na ordem, o Currículo na disciplinaridade, no conteúdo, seriado e tendo a avaliação como instrumento de controle e respeito.

Consequentemente, percebemos que as Mídias e TIC's, tradicionalmente em nossas escolas, são utilizadas e entendidas apenas como apoios "pedagógicos" e não como elementos importantes e conectados com as diferentes áreas do conhecimento.

Dessa forma, sabedor que tal discussão já vem sendo realizada há tempos, em outros países, inclusive fazendo parte do Currículo Escolar, e que no Brasil se limita apenas a ser um apoio pedagógico, é de extrema importância pensar como sistematizar tal temática como disciplina ou conteúdo em nossos Currículos no intuito de amenizar possíveis lacunas relacionadas ao acesso as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's) e possíveis obscuridades e oficialidades de discursos promovidos pelas Mídias, Professores, Estado e pelo seus pares.

Assim, a realização do trabalho justifica-se visto que estudos das Mídias nos Currículos Escolares e o uso das mesmas na prática docente escolar limitam-se, na maioria das vezes, em analisar seus usos e não o seu papel enquanto agente social (BACEGGA, 2011); e, ainda, identifica-se a lacuna na formação Docente para propor a criação de um componente curricular, vislumbrando futuramente uma discussão da criação de uma Disciplina Curricular, que problematize, reflita e identifique a gestação, gestão, controle, utilização etc. da informação em massa.

## 2. MÍDIAS E SEUS CONCEITOS

### 2.1. Mídias, Tic's, Mídia-Educação e Educomunicação

No que se refere ao estudo das Mídias, assim como em diversas áreas do conhecimento, há uma ausência e equívocos preocupantes<sup>1</sup> nas discussões e uso etimológico de conceitos que envolvem o tema e, principalmente, a compreensão dos aspectos técnicos, sociais e ideológicos que cercam o mesmo.

Tentaremos, assim, brevemente discutir conceitos que achamos relevantes e, que ao longo do trabalho o leitor possa entender o seu sentido no contexto discutido.

#### 2.1.1.Mídias

Etimologicamente, a palavra Mídias é um neologismo, tendo sua origem e na palavra Mídia que vem do Latim media (meios) que seria o plural de médium (meio).

Curiosamente no Brasil foi adotado seu uso, a partir do final da década de 1960, através da pronuncia inglesa de media (mídia) ficando mais próximo da pronuncia e a escrita ficar mais próxima da língua portuguesa, tendo seu uso generalizado só a partir dos anos de 1980.

No Brasil, este termo parecia adequado até o final dos anos de 1980, por duas razões: primeiro, porque definia o fenômeno por aquele



1 Devemos reconhecer que há uma falta grave dentro da formação dos professores no que se refere a discussão e sistematização de conceitos dentro suas áreas específicas de conhecimento, dentro do campo didático-pedagógico e, principalmente, no que se refere às questões metodológicas, científicas e etimológicas que envolvem outras áreas do conhecimento.

elemento que lhe dá a característica essencial – o veículo, o suporte técnico, a máquina [...]; segundo, porque era assim que a mídia se autodenominava, incluindo neste substantivo coletivo todo vasto e complexo sistema de comunicação. (BELLONI, 2009, p. 46).

A partir da ampliação dos estudos dentro da área de Comunicação, a palavra Mídia viria, ao longo da década de 1990, sofrer variações e abarcaria uma gama de elementos físicos e sociais passando a ser usada em um sentido de conceito conciso ao mesmo tempo tendo um sentido amplo. “Durante os anos de 1990, pudemos observar uma evolução em direção ao neologismo mídias, um duplo plural, que parece ter a função de ampliar e tornar flexível o conceito.” (BELLONI, 2009, p. 46).

Pensando que os diferentes ‘meios’ de comunicação (rádio, televisão, jornal etc.), os geradores de informação (máquina fotográfica, celulares, filmadora etc.), as formas de disseminação da mídia (mídia impressa, mídia eletrônica, mídia etc.) e, ainda, os aparatos físicos ou tecnológicos empregado no registro de informações (fitas de videocassete, CD-ROM, DVDs), são extensões interligadas ao conceito de Mídia (que significa Meios), parece-nos que o uso do Neologismo Mídias é bem coerente.

Categorizadas como Antigas (Mídias de massa da imprensa: jornais, livros, revistas, etc) e Novas (Mídias digitais: internet, computadores, celulares, videogames, tablets etc), é certo que as últimas revolucionaram as formas ‘tradicionais’ de se comunicar, estudar e conhecer outros lugares no mundo, produzindo informações de maneira mais ou menos coletiva em tempo real e com uma velocidade considerável.

Temos produtos “pluridirecionais” (CITELLI, 2011), ou seja, várias pessoas, vários lugares, no mesmo momento, produzindo e socializando informações simultaneamente, ampliando a gama de ‘participações’ e possibilidades, diferente das Mídias ‘tradicionais’ que em geral produzem produtos unidirecionais onde ‘mundo’ interativo não se faz como tônica no processo de produção e troca de informações.

Enquanto tese, sem dúvida, o ‘mundo’ ‘pluridirecional’ aberto pelas Novas Mídias se mantém, em relação às inúmeras possibilidades que foram criadas

pelo surgimento e a modernização, cada vez mais rápida, das mesmas. Contudo, atentemos que ao mesmo tempo ao vivenciarmos essas vicissitudes tecnológicas se faz o paradoxo do unidirecionamento visto à forma de acesso as Mídias, a abrangência de pessoas que tem acesso as Mídias e, principalmente, a que tipo de Mídias essas pessoas tem acesso.

Dessa forma, fica a ressalva sobre o discurso de “Aldeia Global” que em vários pontos do mundo, inclusive no Brasil, pode ser muito bem aplicado ao mundo dos negócios e a um nicho de classe social específica, visto que grande parte da população, principalmente dentro das escolas brasileiras, vive em um fosso de cisão social-tecnológica inestimável.

### 2.1.2. TIC's

Outro conceito que muitas vezes nos traz algum tipo de confusão é o conceito de TIC's que, geralmente, é entendido como o computador, o som, os microfones, telefones, ou seja, a concepção de elementos físicos de Mídias separadas apartadas.

A sigla TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação), especificamente, envolve a aquisição, armazenamento, processamento e a distribuição da informação por meios eletrônicos e digitais, como rádio, televisão, telefone e computadores, entre outros, ou seja, é “o resultado da fusão de três grandes vertentes técnicas: a informática, as telecomunicações e as mídias eletrônicas” (BELLONI, 2009, p. 21).

Avançando mais rapidamente do que a própria informação possui inúmeras e inestimáveis possibilidades para sociedade, criando dentro do contexto escolar diferentes formas de Mediatizar<sup>2</sup> a produção do conhecimento ao potencializar formas diferenciadas de produção de materiais pedagógicos, apresentar conteúdos didáticos, produzir materiais de ensino\aprendizagem e cursos que possibilite a aprendizagem autônoma etc., e, ainda, possibilitar que essas aprendizagens sejam permeadas pela virtualidade, simulação, acessibilidade, diversidade de informação, entretenimento, instantaneidade etc.



2 Mediatizar significa codificar as mensagens pedagógicas traduzindo-as sob diversas formas, segundo meio técnico escolhido.

Abre-se um novo e vasto campo de mudanças radicais nos modos de compreender o ensino e a didática, pois as TIC's, segundo, BELLONI (2009),

[...] ao mesmo tempo em que trazem grandes potencialidades de criação de novas formas mais performáticas de mediatização, acrescentam muita complexidade ao processo de mediatização do ensino/aprendizagem, pois há grandes dificuldades na apropriação destas técnicas no campo educacional e em sua “domesticação” para utilização pedagógica. Suas características [...] são totalmente novas e demandam concepções metodológicas muito diferentes daquelas das metodologias tradicionais de ensino, baseadas num discurso científico linear, cartesiano e positivista. (BELLONI, 2009, p. 27.)

Além disso, observa-se, também, no nosso cotidiano escolar que as TIC's vêm tendo o uso pelo o uso, ancoradas em um fetiche tecnicista deixando de lado uma proposta pedagógica consistente que privilegie, conseqüentemente, a valorização da formação de autonomia do sujeito a partir do uso delas.

As alternativas não são fechadas, prontas e óbvias e, certamente, não é apenas uma questão técnica ou exclusivamente pedagógica. Pelo contrário.

A discussão deve passar concomitantemente por essas questões sem promover revanchismos ou disputas no sentido de predominar um campo ou outro, observando que ao ampliarmos o “acesso” as TIC's teremos uma, entre outras várias, oportunidade de criarmos espaços, momentos e propostas pedagógicas que propiciem efetivamente aprendizagens significativas e estimule autonomia dos alunos e professores.

Em segundo lugar, e não menos importante, a democratização ao acesso das TIC's, diferentemente aos moldes gerencialista<sup>3</sup>, deve ocorrer no sentido de ampliar possibilidade e não de aprofundar a ‘exclusão por dentro da escola’ em nome de uma modernização tecnológica a fórceps que ao invés de integrar o aluno dentro da sociedade da informação acaba criando em nosso dia-dia um apartheid tecnológico.



3 Quando nos referimos ao Modelo Gerencialista estamos nos referindo ao modelo difundido, a partir de 1990, de Gestão de Estado que abrangeu todas as áreas do Executivo, no qual o Estado através de isenções de impostos, incentivos fiscais, parceria público-privado, privatizações etc., se exime das responsabilidades de Planejador e Gestor designando essa função a iniciativa Privada.

### 2.1.3. Mídia-Educação e Educomunicação: Conceitos Diferentes Porém não Rivals

No Brasil os trabalhos no campo do uso das Mídias na área da Educação vêm assumindo diferentes conceitos tais como: Mídia-Educação, Educomunicação, Educação para as Mídias, Estudos dos Meios, Mídias na Educação entre outros, sendo que entre esses, Mídia-Educação e Educomunicação foram os conceitos que mais apareceram, em nossa revisão bibliográfica.

Segundo Belloni (2009) o conceito de Mídia-Educação, ainda causa várias discussões e debates, pois não é um conceito unânime, visto que para uns o conceito insinua a priori uma desconfiança quanto ao papel das Mídias, e para outros, como os estudiosos que defendem o conceito de Educomunicação, o conceito de Mídia-Educação deveria abranger significativamente a comunicação como processo importante dentro deste contexto.

Porém, para além de uma discussão mais ampla e específica sobre a etimologia do termo e o estudo da epistemologia do mesmo, adotaremos aqui o entendimento de Belloni (2009) de que Mídia-Educação seria educar para/sobre as Mídias (construir uma criticidade sobre o papel das Mídias), educar com as Mídias (trabalhado educativo utilizando diferentes TIC's, outros materiais didáticos e a ação dialógica do docente) e educar através das Mídias (produção de diferentes Mídias), ou seja, constitui-se em uma prática educativa onde abrange as questões antropocêntricas (humanas) e tecnocêntricas (técnicas) se transformando efetivamente em um instrumento importante na construção da cidadania plena.

No Brasil, assim como em outros países latino-americanos, a trajetória inicialmente da Mídia-Educação em um primeiro momento serviu estrategicamente para combater o regime ditatorial implantado, desenvolvendo-se ou se propagando às margens do sistema educativo curricular oficial.

Com a implantação da Lei de Diretrizes e Bases (LDB), em 1996, e seus Parâmetros Curriculares Nacionais- PCN's (1998) o papel das Mídias seria ponderado como ação pedagógica apenas no sentido de "grande aliada no processo educacional: é importante aproveitar o conhecimento que ela propicia e propor trabalhos de reflexão sobre as programações, incentivando um olhar crítico." (MEC/SEF, 1998, p.120).

Entendendo o contexto em que foi publicado podemos afirmar que os PCN's no máximo ratifica impressões e discussões que já tinham sido feito pela UNESCO há mais de duas décadas atrás. Porém, certamente, pelo fato de a Mídia-Educação não ser proposta como disciplina curricular, como é o caso de outros países<sup>4</sup>, perdeu-se uma grande oportunidade de, no mínimo, municiar os cidadãos de informações importantes quanto as diversas mídias existentes.

Atualmente a Mídia-Educação, ainda, não se tornou uma disciplina curricular no Ensino Básico, e o que pudemos constatar é que muito daquilo que se vem fazendo nos ambientes escolares são atividades que perpassam o conceito, porém não possuem uma relação clara, sendo atividades planejadas sem o ancoramento conceitual e pedagógico do que se trata o conceito de Mídia-Educação. Isso não significa que estas atividades não tenham validade e quem não tenham um propósito claro. Muito pelo contrário. As atividades realizadas pelos professores são muitas vezes uma vitória pessoal e coletiva só pelo fato da sua realização, visto as condições existentes nas escolas públicas.

A crítica feita aqui é no sentido de que se tivéssemos uma sistematização clara e concisa sobre Mídia-Educação no âmbito das políticas públicas educacionais certamente potencializaria o fazer pedagógicos de muitos professores espalhados pelo país que possuem muitas ideias, colocam-nas me prática, porém, muitas vezes sem uma qualificação em sua sistematização.

O termo Educomunicação que vem sendo empregado de maneira mais intensa e popularizando-se nas duas últimas décadas, não é recente.

A origem do conceito está nos estudos e reflexões sobre comunicação e educação, a partir do fim da década de 1960, realizados pelo jornalista, professor, radialista argentino Mario Kaplún (1923-1998), chamando as pessoas que praticavam um tipo de jornalismo comunitário de Educomunicadores.

As reflexões do Jornalista, inicialmente, concentravam-se no problema da Comunicação-Educação para quem recebia a produção midiática em tempos



4 Países como Canadá, Austrália e Reino Unido já possuem disciplinas específicas ou conteúdos específicos que abordam o tema Mídias. Para saber com mais detalhes como se deu a formação e consolidação de tal prática nos referidos países lê: A criança e a Mídia. Imagem, educação, participação." de Cecília Von Feilitzen e Ulla Carlsson (2002).

Ditadura Militar na América Latina, ou seja, a estratégia era produzir ou analisar informações sobre um outro viés fora do eixo “oficial” midiático. O educador não necessariamente teria que ser um diplomado ou estudioso da área, porém, segundo Kaplún (1998), teria que ter empatia em lidar com aqueles que estabelecemos comunicação.

O termo “educadores” aparece sem destaque no livro UNA PEDAGOGIA DE LA COMUNICACIÓN (1998, p. 88 e outras). Esse livro é uma atualização de EL COMUNICADOR POPULAR (1985). Em ambos Kaplún descreve esse ator social (o educador) detalhando sua atuação, ao qual no livro mais antigo é chamado de “facilitador” [...] Claro está que Kaplún não inventou o educador. Talvez tenha inventado o neologismo. (NEPOMUCEMO, 2012, p. 02).

Em consequência do uso do termo Educador, inventado por Kaplun, o campo de estudo, logo chamaria Educomunicação, sendo usado inclusive em discussões promovidas pela UNESCO, na década de 1980, sobre Educação e Comunicação, não sendo, ainda, o termo entendido e sistematizado como conceito e sim como um termo para designar as ideias sobre o tema.

Kaplún (1985) tem como base para seu trabalho as ideias da Educação Libertadora de Paulo Freire, proposta na sua Pedagogia do Oprimido, defendendo a tese da necessidade de que todos participem da comunicação de uma maneira dialógica para romper a imposição de supostas ideias que ratifiquem discursos impositivos.

Essa prática foi se concretizando através de ações de professores ligados a movimentos sociais urbanos e ambientais utilizando rádios comunitárias, formação de grupos para defesa do meio ambiente, promoção e discussão crítica dos meios de comunicação e observação do comportamento da mídia, ou seja, ela passava a ser regida pelos objetos educativos através de mídias alternativas. Reconhece-se muito desta estratégia nas lideranças e atores, ligados a

movimentos sociais, Igreja, partidos na clandestinidade a aquela época, que utilizaram deste projeto de comunicação alternativa e se tornaram grandes Educomunicadores.<sup>5</sup>

Nos anos de 1990 a Educomunicação ganhou força com as grandes transformações tecnológicas, a disseminação da informação em rede e abertura democrática fazendo com que grupos populares se apropriassem das diferentes possibilidades comunicativas e educativas, dando um novo impulso e vitalidade a Educomunicação.

Neste contexto observando como se dava a comunicação, organização e educação dentro dos movimentos sociais que o Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicação e Artes da USP – Universidade de São Paulo, sistematizariam o conceito.

Em entrevista foi realizada no ano de 2009 como Professor Ismar de Oliveira Soares, ao ser perguntado como o conceito Educomunicação foi criado, vejamos como ele explica o surgimento da sua conceituação.

Eu estava em sala de aula, estava em movimento popular e observava o que os grupos faziam. Como pesquisador, via que as pessoas estavam

.....

<sup>5</sup> Talvez poderíamos reconhecer no caso do Ex-Presidente Luiz Inácio Lula da Silva a aplicação prática deste conceito de educador. Primeiro por ter sido considerado uma grande negociador e com grande habilidade (empatia) para mobilizar, em tempos de Ditadura Militar, considerável número de pessoas no intuito de reivindicar melhorias trabalhistas em uma Região Metropolitana Brasileira importante que é São Paulo. E segundo, mais recentemente, por essa mesma habilidade (empatia) como Presidente da República do Brasil para aliar(alinhar?) vários setores da sociedade brasileira, mesmo tendo uma enorme desconfiança quanto a sua candidatura, posso e, principalmente, governabilidade em torno de um projeto de mudanças sociais mesclado com um desenvolvimento econômico que o levou a ter no final de seus dois mandatos o percentual de 87% de aprovação. Na época a Confederação Nacional do Transporte (CNT) enfatizaria que seria disparadamente a maior aprovação de um Presidente da República em todo mundo. Obviamente, que isso também está ligado a forma como Lula se comunica com a população, principalmente com a camada popular que seria sua comunidade mais próxima para a comunicação. A facilidade e o traquejo de comunicação, a qual Kaplún (1998) define como empatia com sua comunidade, chamada pelas mídias e senso-comum de carisma, foi fundamental para que Lula pudesse governar de maneira relativamente tranquila, mesmo que setores extremamente conservadores não quisessem, desqualificassem seu discurso, principalmente devido a sua origem nordestina, metalúrgica (lê-se trabalhador) e não detentor de Diploma Universitário. Deve-se lembrar que um dos principais motivos do asco por parte da população brasileira destinado a Lula é o fato de o mesmo não ter curso superior. Porém, conseguiu mesmo sem o tê-lo o que seu antecessor o renomado Sociólogo Fernando Henrique Cardoso não conseguiu, ser ovacionado pelo povo em sua despedida e, ainda, ter uma aprovação avassaladora em seu término de mandato. Obviamente que a análise feita aqui sobre o governo Lula é uma análise extremamente simples e que se atém apenas no viés do seu governo, que é sobre a comunicação.

fazendo isso. O que vim fazer na USP no final os anos 1990 foi pesquisar e sistematizar tudo isso. Foi uma pesquisa especial patrocinada pela FAPESP, voltada a identificar o que os especialistas imaginavam o que acontecia na interface comunicação e educação. A pergunta era o que acontecia de fato nessa interface? Eu pesquisei junto a esse público e descobri que o que eles faziam era assumir novas práticas. Eles faziam uma educação para a comunicação no sentido da leitura crítica da mídia ou produziam uma comunicação alternativa, que era toda a comunicação feita fora da indústria cultural para a defesa dos interesses de grupos populares. Agora, o que aconteceu de diferente naquele contexto é que toda a inspiração de Paulo Freire fez com que os que produziam comunicação alternativa começaram a observar como eles a produziam. Se, ao produzirem comunicação alternativa, seguiam as mesmas regras da indústria cultural, que são as regras de distribuição de funções em que existe um editor, um repórter, o dono do veículo, e jogos de interesse manejando a definição do que era pauta, conteúdo. A comunicação alternativa começou, nesse sentido, a examinar se reproduziam essas formas ou se estavam optando por uma gestão democrática dos processos. Quando se entendia que o grupo que produzia era um grupo que se autogovernava, se a gestão comunicativa era uma gestão comunitária, com base em práticas participativas, se entendia que estava existindo ali um perfil diferenciado de produção de mídia. A mesma leitura crítica passou a ser uma autoleitura crítica ou leitura da própria comunicação. Então, a educomunicação se consolida neste contexto, quando grupos de pessoas de vários lugares da América Latina, Estados Unidos, Índia, tiveram consciência de estarem articulados de forma democrática. Elas vão, com isso, consolidando um novo modo de produção, que tem referencial semelhante, metodologias semelhantes, e, por consequência, resultados semelhantes. (SOARES, 2009, p. 01)<sup>6</sup>

Para Citelli (2011) o conceito de educomunicação trata de:

Expressão que não apenas indica a existência de uma nova área que trabalha na interface comunicação e educação, mas também sinaliza para uma circunstância histórica, segundo a qual os mecanismos de produção, circulação e recepção do conhecimento e da informação se fazem considerando o papel de centralidade da comunicação [...] Trata-se de reconhecer, a existência de um campo inter e transdisciplinar, cujos, lineamentos deixam de ser dados, apenas, pelos apelos, certamente necessários, de se introduzirem os meios e as novas tecnologias na escola, e se expandem, sobretudo, para um ecossistema comunicativo que passou a ter papel decisivo na vida de todos nós, propondo valores, ajudando a constituir modos de ver, perceber, sentir, conhecer, reorientando práticas, configurando padrões de sociabilidade. (CITELLI, p. 07,08, 2011)

6 <<http://geografia.uol.com.br/geografia/mapas-demografia/26/entenda-a-educomunicacao-145874-1.asp>> acesso em 14/09/2013.

Fica claro que se busca trabalhar a educação formal ou informal dentro do ecossistema comunicativo, tese defendida há tempos por Paulo Freire, especificamente, em sua obra *Extensão ou comunicação?* (1976), defendendo que os processos comunicativos devem ser a guisa para o agir pedagógico libertador.

A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não transferência de saber mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação do significados. (FREIRE, p. 46, 1978).

Dentro desta perspectiva comunicação não se resume apenas as Mídias e muito menos educação a educação bancária formal, afastando a Comunicação da ótica puramente instrumental da Comunicação Tecnológica-Informacional tornando uma relação estratégica para que se possa acontecer o processo educativo. Trabalha-se na perspectiva Freiriana de que “a inteligibilidade e comunicação se dão simultaneamente” visto que só “se comunica o inteligível na medida que este é comunicável” (FREIRE, p. 46, 1978). Há uma dupla função para a formação do pensamento impossível de separar, FREIRE (1978): a cognoscitiva e a comunicativa.

### 3. E O CURRÍCULO, COMO CONVERSAR COM AS MÍDIAS?

Considerando a complexidade do tema, estudar e refletir sobre o papel das TIC's e Mídia possuem e devem ter dentro do ambiente escolar, leva-nos a ter uma clareza e coragem de entender que a discussão deve partir da premissa que a Escola não pode mais reproduzir o modelo de estruturas sociais, tradicionalmente, históricas que veem empregando ao longo do tempo.

Essas discussões neste sentido começaram a ganhar eco na Construção do Currículo Escolar de diversas nações<sup>7</sup> que inclusive reconhecem a necessidade da inserção do tema como disciplina curricular ou conteúdo curricular como instrumento para promoção da criticidade dos cidadãos.

.....  
7 Para ver detalhes sobre os diferentes países que adotaram a Mídia-educação como Disciplina Curricular e conhecer as inúmeras maneiras para se trabalhar a temática em sala de aula ver trabalhos intitulados a seguir: “A mídia na formação escolar de crianças e jovens” de Mônica Fantin (2008) e “A criança e a Mídia. Imagem, educação, participação.” de Cecília Von Feilitzen e Ulla Carlsson (2002).

Dentro deste contexto, devemos nos atentar para que a maioria das nossas experiências com uso de tecnologias ou mídias, ainda, porém com exceções interessantes, se pautam em uma concepção tradicional de ensino e aprendizagem, se tornando um apêndice de luxo nas práticas pedagógicas e nada crítico. Assim, com isto posto, devemos refletir sobre qual educação queremos para nossos alunos dentro deste contexto tecnológico que este não seja apenas o antigo travestido de moderno.

O antigo travestido de moderno é, sem dúvida, uma constante em nosso cotidiano escolar e o “nosso grande risco é a armadilha da “administração, do mesmo”, fazer pequenos ajustes na velha estrutura, remendo novo em tecido velho [...] e nos envolvermos na busca de estratégias de sobrevivência” (VASCONCELLOS, 2009, p.25,26). Trocando em miúdos o grande perigo é continuarmos reproduzirmos a realidade predominante em nossas escolas, tentando inserir alguns remendos aqui e ali, no nosso caso específico a inserção de diferentes mídias, que representam, muitas vezes, interesses obscuros e nada pedagógicos<sup>8</sup>.

Então o que fazer? Ser pragmático e fatalista reverberando a tradicional e histórica dicotomia entre sujeitos e estruturas? Reduzir o debate entre o grupo dos que defendem trabalhar com conteúdos e o grupo que defende trabalhar de maneira interdisciplinar, não hierarquizada, privilegiando a curiosidade e demandas dos alunos?

E, especificamente, dentro deste contexto, no que se refere as mídias devemos trata-las como um apêndice de ‘luxo’ ou pensá-las como conteúdo ou ferramenta pedagógica que potencialmente possa estimular os alunos a ampliar seu leque de informações e formas de pensar o mundo no sentido de serem mais autônomos e críticos? Os usos, conceitos, metodologias que

8 Um exemplo disso é constado no trabalho de Perouni (2006) ao analisar, a partir da década de 1990, as parcerias publico-privado referente a programas ligados ao uso de TIC's, como foi a parceria com Instituto Ayrton Senna Segundo a autora, além de receber generosas isenções fiscais por estar “promovendo” atividades pedagógicas no sentido de melhorar e “qualificar” o ensino dos alunos do setor público, interferia no conteúdo e na avaliação dos alunos, argumentando que a lógica de mercado não fica apenas dentro das linhas do econômico ou da reestruturação das técnicas de gestão para uma melhor eficácia. Pelo contrário. A lógica é formatar sujeitos para as necessidades do mercado sejam ideológicas ou de cunho técnico. No caso analisado é introduzir a qualquer custo, financeiro e ideológico, o uso pelo uso das TIC's desvinculando qualquer sentido pedagógico crítico e dialógico nos alunos participantes do programa.

envolvem as mídias devem constar no Plano Político Pedagógico e no Currículo da Escola? Ou, talvez, no Plano de Ação Docente de cada área específica do conhecimento? E as Mídias é conteúdo de que disciplina mesmo? Por fim, como nos debruçar sobre a reflexão do diálogo entre Mídias e Educação dentro do espaço escolar, sem cairmos no “messianismo tecnológico” (GOMEZ, 2010), no “antigo travestido de moderno” (BRASIL, 1998), e, ainda, colocando-as em sintonia com escola ao mesmo tempo que reconhecamos que este não é mais o único lugar de produção do saber?

Inicialmente parece que temos um paradoxo, contudo, aos olhos mais atentos, propositivos e críticos podemos considerá-lo como um falso paradoxo. Certamente em um Currículo Tradicional a resposta, provavelmente, seja que não é conteúdo ou tema de nenhuma disciplina curricular e, ainda, não teria espaço nenhum para promover a discussão sobre o tema. Porém como Vasconcellos (2009) nos lembra:

Com abertura dada pela perspectiva transdisciplinar, dentro do paradigma emergente da educação, há espaço para se tratar questões que no passado ficavam de fora da proposta Curricular, talvez pautada na máxima de Wittgenstein (1889-1951) no Tractatus (6.54: Acerca daquilo que não se pode falar com clareza, deve-se calar – cf. 1987:142). (VASCONCELLOS, 2009, p. 165).

Dentro desta perspectiva, certamente:

**A mídia pode ser uma grande aliada no processo educacional:** é importa aproveitar o conhecimento que ela propicia e propor trabalhos de reflexão sobre as programações, incentivando um olhar crítico. Do ponto de vista educativo, o problema não está no consumo, mas no consumo passivo de tudo que é veiculado [...] **A escola** tem importante papel a cumprir na sociedade, ensinando os alunos a se relacionar de maneira seletiva e crítica com o universo de informações a que têm acesso no seu cotidiano. (BRASIL, PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1998, p. 120;139, grifo nosso).<sup>9</sup>

9 Além de reconhecer a importância das mídias como grande Agente Social (BACCEGA, 2011) ou Instituição Social, como queira GUARESCHI & BIZ (2005), os Parâmetros Curriculares Nacionais discute, também, de maneira incisiva e ponderada, apontando as potencialidades e limites dos usos da mesma, as formas de uso das mídias sob uma óptica crítica que se deve ter sobre o acesso às informações, a necessidade de qualificação dos professores, e, inclusive, a preocupação quanto a relação entre o modelo pedagógico que será utilizado as diferentes mídias para cumprir seu papel social no contexto escolar.

Visto que:

O domínio da tecnologia só faz sentido, quando se torna parte do contexto das relações entre homem e sociedade. Assim, ela representa formas de manutenção e de transformação das relações sociais, políticas e econômicas, acentuando a barreira entre os que podem e os que não podem ter acesso a ela [...] **Se entendermos a escola como um local de construção do conhecimento e de socialização do saber; como um ambiente de discussão, troca de experiências e de elaboração de uma nova sociedade,** é fundamental que a utilização dos recursos tecnológicos seja amplamente discutida e elaborada conjuntamente com a comunidade escolar, ou seja, que não fique restrita às decisões e recomendações de outros. (BRASIL, PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1998, p. 137;140, grifo nosso)<sup>10</sup>

Isso vai ao encontro aos moldes curriculares discutidos por Vasconcellos (2009).

A escola ter como centralidade a pessoa significa que a pessoa é fundamento e finalidade do trabalho educativo, de maneira que os alunos dependam a ser pessoas e a verem os outros como pessoas [...] De um modo geral, professores e alunos passam parte significativa de suas vidas na escola [...] Alunos e professores buscam estratégias de sobrevivência em relação às exigências da escola, desenvolvem suas culturas. Nas escolas com práticas significativas, estes elementos (convivência, conflitos, descobertas, afetos, relacionamentos, enfim, formas de ser), ao invés de ficarem à margem, são estruturantes do currículo [...] Os professores são convidados a reverem sua cultura pessoal e profissional. Os alunos são instigados a expressarem suas opiniões (ao invés de reproduzirem o que acham que a escola espera). O currículo efetivamente está organizado para contemplar a pessoa, a partir de seu cotidiano. Centralidade na pessoa implica reconhecer a centralidade da vida, na sua totalidade, isto é, tanto em temas de memória/história, quanto de futuro/projeto, porém sobretudo como presente/cotidiano. (VASCONCELLOS, 2009, p. 39)

Privilegiar o sujeito e o cotidiano como centro curricular na verdade é priorizar o presente e a totalidade da existência humana e esses aspectos quase nunca estão presentes em nossos currículos escolares, pois privilegiam muito a ênfase no passado, mesmo que a abordagem não seja no sentido crítico-dialético de conhece-lo para entender as relações existentes, sendo os conteúdos, consagrados historicamente, o carro chefe no processo de

10 Inclusive deve-se reconhecer que a discussão sobre Mídias na Educação já fazia parte dentro dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), sendo, em diferentes momentos, abordados nos Capítulos e Sub-capítulos ao longo do documento, tendo inclusive olhar especial em um Capítulo Específico – TECNOLOGIAS DA COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO.

aprendizagem mesmo que não tenham relação com o dia-dia e, ainda, tenta-se, sabe-se lá como e aí sim vale afirmamos que aqui há um verdadeiro paradoxo, preparar o aluno para o futuro.

**Normalmente, nos currículos escolares** há uma grande ênfase no passado (especialmente no que diz respeito à realidade mais ampla os saberes historicamente acumulados), e alguma ênfase ao futuro (projeto de sociedade e projeto de vida, ou pelo menos, projeto de continuidade dos estudos ou profissional do aluno), mas pouca e problemática ênfase ao presente, já que **costuma estar marcada pelos mecanismo disciplinares de caráter autoritário**. Enquanto o aluno se prepara para o futuro, submetido aos saberes do passado, o sonho de alguns docentes parece ser o da assepsia do presente. Quando se propõe a tratar do cotidiano, normalmente a atenção da escola se volta também para a realidade mais ampla [...] em alguns casos, ao se abrir espaço para o indivíduo, cai-se no presentismo, no enfoque narcisista (Lasch, 1983). Mas, e **o cotidiano concreto dos alunos? Não deveria ser uma temática constantemente valorizada?** Que espaços questões como respeito, liberdade, sentimentos, relacionamentos, sentido de vida, projeto de vida, amizade, dramas pessoais e familiares, condições de existência (alimentação, sono, moradia, transporte, etc.), sexualidade, tem ocupado no currículo? **(que fique claro: não de forma pasteurizada em “temas transversais”, mas criticamente, como tema do diálogo, da relação humana autêntica)**. (VASCONCELLOS, 2009, p. 40, grifo nosso)

Trabalhar em educação é fundamentalmente falar, discutir, refletir, contrapor etc., as relações humanas em sociedade, sem neutralidades, clarificando as intencionalidades, formas, temporalidades e verdadeiros significados das diferentes formas de aprendizagem. Portanto é de extrema importância sairmos dos esquemas formais curriculares e pensarmos o Currículo sob uma nova óptica de maneira em que sujeito e o cotidiano possam ser centro do Currículo no sentido de estimularmos o senso crítico na Escola e no cotidiano de Docente e Discente. Se o processo é difícil ou tortuoso e nos parece que sempre estamos entre dois lados, que o movimento dialético possa nos auxiliar a interpretar os dois lados contraditórios, currículo tradicional e uma proposta inovadora de currículo, para que uma nova categoria surja para que pessoas e estruturas possam mudar simultaneamente.

No caso das Mídias e Comunicação devemos trazer esse mundo para o Currículo escolar para que possamos, através das suas potencialidades, fragilidades, contradições, pensar e incorporar novas formas de comunicação, refletir sobre

as estratégias de produção (propaganda, consumo, ética, etc.), de circulação e recepção de mensagens, problematizar, questionar e refletir junto aos alunos os aspectos ideológicos, econômicos, culturais, gêneros, estéticos, éticos, étnicos e tantos outros que envolvem as relações sociais, as instituições sociais, Escola, família, igreja e as próprias diferentes Mídias.

De um ponto de vista dialético, porém, tendo como quadro teórico o conceito gramsciano de hegemonia, podemos considerar que inovações técnicas no campo da comunicação funcionam como dispositivos eficazes de dominação ideológica e de reprodução das estruturas simbólicas da sociedade, mas trazem em si também os meios de resistência a essa dominação e de mudança social (BELLONI, 2010, p. 110).

Diante dos desafios e demandas do século XXI faz-se necessário uma escola mais ativa, crítica e sintonizada com seu tempo, espaço e sujeitos. As Mídias, TIC's, Comunicação dentro deste contexto é condição sine qua non e deverá desempenhar um papel mais do que aporte ou apoio pedagógico de determinadas disciplinas ou atividades específicas. Pelo contrário. Deverão ter uma dimensão estratégica para que criança, jovem, adulto e idoso no processo de entendimento da produção, criação, consumo, circulação e recepção dos bens simbólicos (sonhos, afetos, relações, a pensar, a refletir, a agir em situações, coletivas, individuais, políticas, profissionais etc., cotidianamente.)

#### 4. CONCLUSÃO

Discutir temáticas que envolvem uma diversidade de aspectos para que possa ser efetivamente implantado no âmbito da Educação geralmente é uma tarefa trabalhosa e pode causar certo tipo de desconforto a setores mais ou menos propensos em aceitar críticas ou apontamentos de mudanças em suas práticas pedagógicas.

A nossa realidade aqui não foi diferente. Podemos concluir que ficou claro que nosso sistema de ensino necessita, urgentemente, (re)pensar novas formas de Currículos e Metodologias para que o aluno possa voltar a se interessar pelo ambiente escolar.

É importante que possamos romper com as relações de alienações na escola frente à produção do conhecimento, podendo pensar um Currículo que

privilegie o ser humano no sentido de que o desenvolvimento das relações e discussões humanas mais complexas e políticas, como democracia participativa, cidadania efetiva, crítica ao consumo desenfreado, discussão sobre minorias e cisões de gêneros e raças, o papel das Mídias na formação do cidadão não fiquem em segundo plano.

Dentro deste contexto é imperioso que iniciemos uma alfabetização/entendimento para as Mídias, partindo do entendimento que ela é de grande importância e influência na construção das sociabilidades no nosso dia-dia, entendendo que a comunicação se converta na vértebra dos processos educativos: educar pela e não para, ou seja ter a perspectiva da comunicação educativa como relação e não como objeto.

É de suma importância assegurar a sistematização e a democratização das Mídias na escola das mais diferentes formas como componente curricular, como prática docente, como capacitação docente para uso das tecnologias da comunicação e informação etc.

O encontro da educação e comunicação, na busca da significação dos significados (FREIRE, 1978), acaba por mudar a lógica tradicional de conceber o conhecimento visto que agora não mais perpetuará o sujeito cognoscente, professor, diante do objeto cognoscível, transferido o saber. Isso agora será oportunizado pelo princípio da reciprocidade que os atos comunicativos vão ganhando, sustentados por objetos educacionais mais ou menos técnicos que possam potencializar aquilo que está sendo enunciado.

## 5. REFERÊNCIAS

BACCEGA, Maria Aparecida. **Comunicação/Educação e a construção de nova variável histórica**. In: Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento. CITELLI, Adilson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho (organizadores). São Paulo: Paulinas, 2011.

BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia-educação**. Campinas: Autores Associados, 2009.

BELLONI, Maria Luiza. BEVORT, Evelyne. **Mídia-Educação: conceitos, histórias e perspectivas.** Educ. Soc., Campinas, vol. 30, n. 109, p. 1081-1102, set/dez. 2009.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais.** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CITELLI, Adilson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho (organizadores). **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento.** São Paulo: Paulinas, 2011.

CITELLI, Adilson Odair. **Comunicação e educação: implicações contemporâneas.** In: Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento. CITELLI, Adilson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho (organizadores). São Paulo: Paulinas, 2011.

CARLSSON, Ulla; FEILITZEN, Cecília von. **A criança e a mídia: imagem, educação, participação.** Cortez, Brasília, DF. UNESCO, 2002.

CITELLI, Adilson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho (organizadores). **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento.** São Paulo: Paulinas, 2011.

CITELLI, Adilson Odair. **Comunicação e educação: implicações contemporâneas.** In: Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento. CITELLI, Adilson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho (organizadores). São Paulo: Paulinas, 2011.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

GUARESCHI, Pedrinho; BIZ, Osvaldo. **Mídia, educação e cidadania: tudo o que você deve saber sobre mídia.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

KAPLÚN, Mario. **O comunicador Popular**. Tradução coletiva realizada pelo Coletivo de Comunicadores: <http://www.camaracom.com.br/coletivo>. Disponível em [http://www.Ashared.com/document/Syw2RxG2/O\\_Comunicador\\_Popular\\_MarioKap.html](http://www.Ashared.com/document/Syw2RxG2/O_Comunicador_Popular_MarioKap.html). Acesso em 24/09/2013

\_\_\_\_\_. **El comunicador popular**. Quito: CIESPAL (1985); Disponível em <<http://es.scribd.com/doc/101042075/El-Comunicador-Popular>>. Acesso em 24/09/2013

\_\_\_\_\_. **Una Pedagoia de La Comunicación**. Madri: Ediciones de La Torre (1998). Disponível //ebookbrowse.com/una-pedagogia-de-la-comunicacion-por-mario-kaplun-pdf-d277467717. Acesso em 24/09/2013.

PERONI, Vera Maria Vidal. Conexões entre o público e o privado no financiamento e gestão da escola pública. In: EccoS – **Revista Científica**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 111-132, jan./jun. 2006

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: um campo de mediações**. In: Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento. CITELLI, Adilson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho (organizadores). São Paulo: Paulinas, 2011.

\_\_\_\_\_. Entenda a Educomunicação:2009, **Revista Conhecimento Prático Geografia**. São Paulo, v. 26, ago 2009. Entrevista concedida a CPG. Site: <<http://geografia.uol.com.br/geografia/mapas-demografia/26/entenda-a-educomunicacao-145874-1.asp>> acessado em 14/09/2013

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Currículo: a atividade humana como princípio educativo**. São Paulo: Libertad, 2009.

•• OS/AS AUTORES/AS ••

**Janaina Peixoto de Freitas** É graduanda em História – FURG – Faculdade de Rio Grande. Email: [nina.ffreitas@hotmail.com](mailto:nina.ffreitas@hotmail.com).

**José Carlos Ferrari Júnior** é professor de Geografia na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre, Pós-Graduado em Geografia e Coordenação Pedagógica. Email: [zcaferrari@hotmail.com](mailto:zcaferrari@hotmail.com).